

DON DELILLO

# Zero K

*Romance*

*Tradução*

Paulo Henriques Britto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Don DeLillo  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Zero K

*Capa*

Celso Longo

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Jane Pessoa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

DeLillo, Don

Zero K : romance / Don DeLillo ; tradução Paulo Henriques  
Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Zero K.

ISBN 978-85-359-2984-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-06528

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

PARTE I  
NO TEMPO DE TCHELIÁBINSK

# 1

*Todo mundo quer ser dono do fim do mundo.*

Foi o que meu pai me disse, junto às janelas arredondadas de seu escritório em Nova York — gestão de recursos privados, *dynasty trusts*, mercados emergentes. Estávamos, coisa rara, compartilhando um momento no tempo, um momento contemplativo, tornado completo pelos óculos escuros clássicos de meu pai, que traziam a noite para dentro da sala. Eu examinava os quadros nas paredes, obras de diferentes graus de abstração, e comecei a me dar conta de que o silêncio prolongado que se seguiu a seu comentário não pertencia a ele nem a mim. Pensei na esposa dele, a segunda, a arqueóloga, cuja mente e corpo depauperado em breve haveriam de se dissipar, seguindo um roteiro previsível, no vazio.

Aquele momento me voltou à lembrança alguns meses depois, do outro lado do mundo. Cinto de segurança afivelado, eu estava no banco de trás de um carro blindado, um *hatch* com

vidro fumê nas janelas laterais, cego dos dois lados. O motorista, separado do banco de trás por uma divisória, usava uma camisa de time de futebol e calças de moletom com um volume no quadril que indicava a presença de uma arma. Depois de uma hora de viagem por estradas esburacadas, ele parou o carro e disse algo para o dispositivo preso em sua lapela. Então girou a cabeça quarenta e cinco graus em direção ao banco do carona. Concluí que era hora de soltar o cinto de segurança e saltar.

Aquela viagem de carro era a última etapa de uma maratona intercontinental, e me afastei do veículo e fiquei parado por algum tempo, entorpecido pelo calor, carregando minha mala e sentindo meu corpo relaxar. Ouvi o motor dar a partida e me virei para o carro. Ele estava voltando para a pista de pouso particular, e era a única coisa a se mover ao longe, que em breve haveria de sumir na paisagem ou na penumbra crescente ou no horizonte puro e simples.

Dei uma volta completa, percorrendo com a vista lentamente a extensão de deserto de sal e pedregulho, onde só havia algumas estruturas baixas, talvez interligadas, difíceis de distinguir naquela paisagem estorricada. Não havia mais nada, nenhum outro lugar. Eu não conhecia a natureza precisa de onde estava indo, só sabia que era remoto. Era fácil imaginar que meu pai, à janela de seu escritório, havia extraído seu comentário daquele mesmo terreno nu e das formas geométricas que com ele se confundiam.

Ele estava aqui agora, eles dois, pai e madrasta, e eu viera para fazer uma visita rapidíssima e lhes dar um adeus incerto.

O número de estruturas era difícil de calcular, estando eu tão perto delas. Duas, quatro, sete, nove. Ou então uma apenas, uma unidade central com extensões que se irradiavam dela. Imaginei-a como uma cidade a ser descoberta no futuro, autônoma, bem preservada, anônima, abandonada por alguma cultura nômade desconhecida.

O calor me dava a impressão de que eu estava encolhendo, mas eu queria permanecer ali mais um momento e olhar. Eram prédios escondidos, agorafobicamente fechados. Eram prédios cegos, silenciosos e severos, com janelas invisíveis, planejados para implodir, pensei, quando o filme chegar ao momento do colapso digital.

Fui seguindo por um caminho calçado com pedras e cheguei a um portão largo onde havia dois vigias. Camisas de futebol diferentes, os mesmos volumes nos quadris. Estavam atrás de uma fileira de estacas que impedia a entrada de veículos.

Nas laterais do portão, longe do centro, coisa estranha, dois outros vultos, envoltos em xadores, mulheres veladas imóveis.

Meu pai tinha deixado a barba crescer. Isso foi uma surpresa para mim. A barba era um pouco mais grisalha que o cabelo e tinha o efeito de enfatizar seus olhos, intensificar-lhe o olhar. Seria a barba de um homem ansioso para entrar numa nova dimensão de fé?

Perguntei: “Quando vai ser?”.

“Estamos calculando o dia, a hora, o minuto. Em breve”, ele respondeu.

Tinha sessenta e muitos anos, Ross Lockhart, ombros largos, movimentos ágeis. Seus óculos escuros estavam na escrivaninha à sua frente. Eu costumava me encontrar com ele em escritórios, em um ou outro lugar. Aquele escritório era improvisado, vários monitores, teclados e outros dispositivos espalhados pela sala. Eu sabia que ele tinha investido quantias polpudas nessa operação, nesse empreendimento, denominado Convergência, e o escritório era uma cortesia, para que ele pudesse permanecer em contato com sua rede de empresas, agências, fundos, trustes, fundações, consórcios, comunas e clãs.

“E a Artis.”

“Está completamente pronta. Nenhuma hesitação, nenhum pé-atrás.”

“Não se trata de vida espiritual eterna. É uma coisa do corpo.”

“O corpo vai ser congelado. Suspensão criogênica”, ele disse.

“Então, em algum momento futuro.”

“Isso mesmo. Vai chegar um dia em que haverá maneiras de neutralizar as circunstâncias que levaram ao fim. Mente e corpo recuperados, de volta à vida.”

“Essa ideia não é nova. Estou certo?”

“A ideia não é nova, não. É uma ideia”, prosseguiu, “que agora está se aproximando da concretização total.”

Eu estava desorientado. Era a manhã do que seria meu primeiro dia passado ali do início ao fim, e o homem atrás da escrivaninha era meu pai, e nada daquilo me era familiar, nem a situação nem o ambiente físico nem mesmo o homem barbudo. Eu já estaria voltando para casa quando estivesse começando a absorver algo daquela experiência.

“E você tem confiança total nesse projeto.”

“Total. No plano médico, no tecnológico, no filosófico.”

“Tem gente pondo animal de estimação”, comentei.

“Aqui, não. Aqui não tem nada de especulativo. Nada de hipotético nem de periférico. Homens, mulheres. Morte, vida.”

Seu tom de voz era firme, tom de desafio.

“É possível eu ver o lugar onde a coisa acontece?”

“Muito improvável”, ele respondeu.

Artis, a mulher dele, sofria de várias doenças debilitantes. Eu sabia que a esclerose múltipla era a principal responsável por sua deterioração. Meu pai estava ali como testemunha dedicada do falecimento dela, e em seguida como observador informado dos métodos iniciais que permitiriam a preservação do corpo até o ano, a década, o dia em que seria seguro redespertá-lo.



“Quando cheguei aqui, fui recebido por dois seguranças armados. Me fizeram passar pelo procedimento de segurança, me levaram até o quarto, não disseram quase nada. É tudo que eu sei. E mais o nome, que parece coisa de religião.”

“Tecnologia baseada na fé. É isso. Um outro deus. Acaba que nem é tão diferente assim de alguns deuses anteriores. Só que é uma coisa concreta, verdadeira, que funciona.”

“Vida depois da morte.”

“Um dia, sim.”

“A Convergência.”

“Isso.”

“Quer dizer uma coisa em matemática.”

“Quer dizer uma coisa em biologia. E em fisiologia. Deixa pra lá”, ele disse.

Quando minha mãe morreu, em casa, eu estava sentado ao lado da cama e havia uma amiga dela, uma mulher de bengala, parada em pé à porta do quarto. Era assim que eu me lembraria daquele momento, reduzido, agora e para sempre, a uma mulher na cama, uma mulher à porta, a cama em si, a bengala de metal.

Disse Ross: “Numa área que serve de unidade de tratamentos paliativos, às vezes eu fico com as pessoas que estão sendo preparadas pra se submeterem ao processo. Uma mistura de expectativa com admiração. Muito mais palpáveis que apreensão ou incerteza. Uma reverência, um estado de perplexidade. Todo mundo está no mesmo barco. Uma coisa muito maior do que elas imaginavam. Elas sentem que têm em comum uma missão, um destino. E eu dou por mim tentando imaginar um lugar assim séculos atrás. Uma hospedaria, um abrigo pra viajantes. Peregrinos”.

“Está bem, peregrinos. Voltamos à religião tradicional. Posso visitar essa unidade?”

“Provavelmente não”, ele respondeu.

Entregou-me um pequeno disco fino preso a uma pulseira. Explicou que era semelhante à tornozeleira que mantinha a polícia informada a respeito do paradeiro de um suspeito, enquanto aguarda o julgamento. Eu teria permissão para entrar em certas áreas deste nível e de um nível acima, mas só nelas. Se eu retirasse a pulseira, a equipe de segurança ficaria sabendo.

“Não vá tirando conclusões apressadas a respeito do que você vê e ouve. Este lugar foi projetado por pessoas sérias. Respeite a ideia delas. Respeite o lugar em si. Segundo a Artis, a gente deve encarar isso aqui como uma obra em andamento, uma forma de *land art*, arte da terra. Construída na terra, afundada na terra. Acesso restrito. Definido pelo silêncio, humano e ambiental. Também é uma espécie de túmulo. A terra é o princípio balizador”, explicou. “Voltar da terra, emergir da terra.”

Passei algum tempo perambulando pelos corredores. Estavam quase vazios, três pessoas, espaçadamente, cumprimentei cada uma delas com a cabeça, recebendo de volta um único olhar relutante. As paredes eram em tons de verde. Eu entrava num corredor largo, virava em outro. Paredes nuas, sem janelas, portas bem distantes, todas fechadas. As portas eram de cores relacionadas, tons pastel, e eu me perguntava se haveria um sentido naquelas fatias do espectro visível. Era o que eu fazia em qualquer ambiente novo. Eu tentava injetar significados, tornar o lugar coerente ou ao menos me localizar nele, confirmar minha presença intranquila.

Ao final do último corredor havia uma tela fixada num nicho no teto. Ela começou a ser abaixada, estendendo-se de uma parede à outra, chegando quase até o chão. Aproximei-me lentamente. De início todas as imagens eram de água. Era água corrente atravessando bosques e transbordando margens de rios.

Eram cenas de chuva caindo sobre socalcos, longos momentos de chuva e mais nada, depois gente correndo para todos os lados, pessoas impotentes em barcos pequenos a sacolejar-se em corredoiras. Eram templos inundados, casas arrastadas em barrancos. Eu via água subindo em ruas de cidades, carros e motoristas afundando. O tamanho da tela causava um efeito bem diverso de um noticiário. Tudo era enorme, as cenas se prolongavam muito além do que ocorre na tevê. Estava ali à minha frente, no nível de meus olhos, imediata e real, uma mulher em tamanho natural sentada numa cadeira torta dentro de uma casa derrubada numa avalanche de lama. Um homem, um rosto, debaixo d'água, olhando para mim. Fui obrigado a dar um passo atrás, mas não consegui despregar os olhos. Era difícil não olhar. Por fim olhei de relance para o corredor atrás de mim, esperando que alguém aparecesse, uma outra testemunha, uma pessoa que pudesse ficar parada a meu lado enquanto as imagens se sucediam e se fixavam.

Não havia áudio.

### 3

Artis estava sozinha na suíte onde ela e Ross estavam instalados. Estava sentada numa poltrona, de robe e chinelos, e parecia estar dormindo.

O que dizer? Como começar?

Você está bonita, pensei, e estava mesmo, uma beleza triste, atenuada pela doença, o rosto descarnado e o cabelo louro desmaiado, despenteado, as mãos pálidas cruzadas no colo. Antes para mim ela era a Segunda Esposa, depois a Madrasta, e depois a Arqueóloga. Este último rótulo não era tão reducionista, ainda mais porque finalmente eu estava começando a conhecê-la. Eu gostava de imaginá-la como uma cientista ascética, que passava temporadas em acampamentos rústicos, uma pessoa que com facilidade poderia se adaptar a condições adversas de outro tipo.

Por que meu pai me pediu para vir até aqui?

Ele queria que eu estivesse com ele quando Artis morresse.

Eu estava instalado num banco acolchoado, observando e esperando, e logo meus pensamentos se afastaram daquela figura imóvel na poltrona, e lá estava ele, lá estávamos nós, eu e Ross, num espaço mental miniaturizado.

Meu pai era um homem moldado pelo dinheiro. Havia criado fama ainda jovem analisando o impacto das catástrofes naturais sobre o lucro. Ele gostava de falar comigo sobre dinheiro. Minha mãe dizia: mas e o sexo, é isso que ele precisa saber. A linguagem do dinheiro era complicada. Ele definia termos, desenhava diagramas, parecia estar vivendo em estado de emergência, enfurnado no escritório dez ou doze horas por dia, ou indo apressado para o aeroporto, ou se preparando para reuniões. Em casa, punha-se diante de um espelho de corpo inteiro recitando de cor discursos que estava preparando sobre apetite de risco e jurisdições offshore, aperfeiçoando gestos e expressões faciais. Ele teve um caso com uma funcionária temporária. Ele corria na maratona de Boston.

E eu, fazia o quê? Eu resmungava, zanzava. Raspei uma faixa de cabelo no meio da cabeça, da testa à nuca — eu era o anticristo *personal* de meu pai.

Ele saiu de casa quando eu tinha treze anos. Eu estava fazendo o dever de casa de trigonometria quando ele me disse. Sentou-se do outro lado da minha pequena escrivaninha, onde ficava um antigo pote de geleia cheio de lápis sempre com as pontas feitas. Eu examinava as fórmulas na página e escrevia no meu caderno, vez após vez: *seno cosseno tangente*.

Por que meu pai se separou de minha mãe?

Nenhum dos dois jamais me disse.

Anos depois, eu estava morando num conjugado alugado no norte de Manhattan. Uma noite liguei a televisão e lá estava meu pai, num canal obscuro, sinal de má qualidade, Ross em Genebra, imagem com fantasma, falando francês. Eu sabia que meu pai falava francês? Eu tinha certeza de que aquele homem era meu pai? Ele fez uma referência, nas legendas, à ecologia do desemprego. Fiquei assistindo em pé.

E Artis agora naquele lugar quase inacreditável, aquela apa-

rição no deserto, prestes a ser preservada, um corpo glacial numa câmara mortuária enorme. E, depois, um futuro além da imaginação. Pensemos nas palavras em si. *Tempo, destino, acaso, imortalidade*. E eu com meu passado simplório, minha história tatibitate, os momentos que não consigo não evocar porque são meus, impossível não ver e sentir, escorrendo de todas as paredes a meu redor.

Numa Quarta-Feira de Cinzas, uma vez, fui à igreja e entrei na fila. Fiquei olhando à minha volta, vendo as imagens, placas e pilares, os vitrais, e depois fui até a grade do altar e me ajoelhei. O padre se aproximou de mim e deixou sua marca, encostando um polegar coberto de cinza benta na minha testa. És pó. Eu não era católico, meus pais não eram católicos. Eu não sabia o que éramos. Éramos comer-e-dormir. Éramos leve-o-terno-do-papai-na-tinturaria.

Quando ele saiu de casa, resolvi assumir a ideia de que tinha sido abandonado, ou semiabandonado. Eu e minha mãe nos entendíamos, um confiava no outro. Fomos morar no Queens, num apartamento térreo com jardim que não tinha jardim. Para nós, estava bom assim. Deixei crescer o cabelo na minha faixa aborígene raspada. Dávamos caminhadas juntos. Quem faz isso, mãe e filho adolescente, nos Estados Unidos da América? Ela não me passava sermões, ou só fazia isso raramente, quando eu me desviava da normalidade observável. Comíamos comida insossa e jogávamos uma bola de tênis de um lado para o outro numa quadra pública.

Mas o padre, com suas vestes, encostando o polegar cheio de cinza na minha testa. *E ao pó retornarás*. Eu andava pelas ruas procurando pessoas que talvez olhassem para mim. Parava diante de vitrines examinando meu reflexo. Eu não sabia o que era aquilo. Seria um gesto bizarro de reverência? Estaria eu pregando uma peça na Santa Madre Igreja? Ou será que estava apenas

tentando me transformar numa atração significativa? Eu queria que a mancha de cinza permanecesse por dias e semanas. Quando cheguei em casa, minha mãe se afastou de mim como se para me ver de um ângulo melhor. Foi um olhar muito rápido. Fiz questão de evitar meu sorriso sarcástico — eu tinha um sorriso de cozeiro. Ela fez algum comentário sobre a chatice das quartas-feiras em todo o mundo. Um pouco de cinza, a um custo mínimo, e uma ou outra quarta-feira, disse ela, se torna memorável.

Eu e meu pai acabamos contornando algumas das tensões que nos haviam mantido separados, e aceitei algumas decisões que ele tomou a respeito da minha escolarização, mas eu nem chegava perto das empresas de que ele era dono.

E anos depois, era como se numa vida posterior, comecei a conhecer a mulher que agora estava sentada à minha frente, inclinada em direção à luz de uma luminária de mesa.

E numa outra vida, a dela, ela abriu os olhos e me viu sentado à sua frente.

“Jeffrey.”

“Cheguei ontem bem tarde.”

“O Ross me falou.”

“Quer dizer que é mesmo verdade.”

Peguei sua mão e fiquei a segurá-la. Aparentemente, não havia mais nada a dizer, e no entanto ficamos conversando uma hora. A voz dela era quase um sussurro, e a minha também, por efeito das circunstâncias, ou do lugar em si, os longos corredores silenciosos, a sensação de encerramento e isolamento, uma nova geração de *earth art*, com corpos humanos em estado de animação suspensa.

“Desde que vim pra cá, eu dou por mim me concentrando em coisinhas pequenas, depois menores ainda. Minha mente está se desenrolando, desfiando. Fico pensando em detalhes que estavam enterrados havia muitos anos. Vejo momentos que antes

nem percebia ou então achava que eram triviais demais pra eu lembrar. Tem a ver com a doença, é claro, ou com a medicação. É a sensação de estar fechando, chegando a um fim.”

“Temporariamente.”

“Você acha difícil acreditar nisso? Pois eu não acho. Eu estudei o assunto”, ela disse.

“Eu sei.”

“Ceticismo, é claro. É necessário. Mas a uma certa altura a gente precisa entender que tem uma coisa muito maior e mais duradoura.”

“Uma pergunta simples. Prática, não cética. Por que você não está na unidade de tratamentos paliativos?”

“O Ross quer ficar perto de mim. Os médicos vêm me ver regularmente.”

Ela teve dificuldade ao articular as sílabas congestionadas desta última palavra, e daí em diante passou a falar mais devagar.

“Ou então me empurram na cadeira de rodas pelos corredores e me levam pra cabines escuras que sobem ou descem ou às vezes andam pro lado ou pra trás. Acabo sempre numa sala de exame onde eles ficam vendo e ouvindo, no maior silêncio. E algum lugar dessa suíte tem uma enfermeira ou enfermeiro. Nós falamos em mandarim, eu e ela, ou eu e ele.”

“Você pensa no mundo pro qual você vai voltar?”

“Penso em gotas d’água.”

Esperiei.

Ela disse: “Penso em gotas d’água. Me lembro de estar dentro do chuveiro e ver uma gota d’água escorrendo pela cortina transparente do boxe. Lembro que eu ficava me concentrando na gota, na gotícula, na microesfera, e esperava ela assumir formas novas à medida que passava por dobras e vincos, enquanto a água batia na minha cabeça. Essa lembrança é de que época? Vinte anos atrás, trinta, mais tempo? Não sei. O que eu esta-



va pensando na época? Não sei. Talvez eu atribuisse uma forma de vida à gota d'água. Eu animava a gota, transformava em desenho animado. Não sei. O mais provável é que a minha cabeça estivesse quase completamente vazia. A água que bate na minha cabeça está geladíssima, mas não me dou ao trabalho de diminuir o fluxo. Preciso observar a gota, ver a gota se estendendo, virando gosma. Mas ela é límpida e transparente demais para virar gosma. Enquanto a água bate na minha cabeça, fico pensando que não é gosma. Gosma é lama ou limo, vida primitiva no fundo do oceano, composta basicamente de criaturas marinhas microscópicas”.

Ela falava uma espécie de língua de sombras, fazendo pausas, pensando, tentando lembrar, e quando retornou àquele momento, àquela sala, foi obrigada a me recolocar, ressituar, Jeffrey, filho de, sentado à sua frente. Todo mundo me chamava de Jeff, menos Artis. Aquela sílaba a mais, na voz suave dela, me fazia me ver de fora, ou me ver como um segundo eu, mais agradável e confiável, um homem que caminha com os ombros bem alinhados, pura ficção.

“Às vezes, num recinto escuro”, eu disse, “eu fecho os olhos. Entro e fecho os olhos. Ou então, no meu quarto, espero até chegar perto do abajur que fica na cômoda ao lado da cama. Então eu fecho os olhos. Será que estou me rendendo à escuridão? Não sei. Será uma acomodação? Estou deixando que o escuro determine as condições da situação? O que é isso? Parece o tipo de coisa que um garoto esquisito faz. O garoto que eu já fui. Mas eu faço isso até mesmo agora. Entro num recinto escuro e aí espero um momento parado à porta e então fecho os olhos. Será que estou me testando, duplicando a escuridão?”

Ficamos em silêncio por algum tempo.

“As coisas que a gente faz e depois esquece”, ela disse.

“Só que a gente não esquece. Gente como a gente.”

Gostei de dizer aquilo. Gente como a gente.

“Um desses pequenos torrões de personalidade. Como diz o Ross. Ele diz que eu sou um país estrangeiro. Coisinhas pequenas, depois menores ainda. É meu estado atual.”

“Vou seguindo em direção à cômoda no quarto escuro tentando localizar o abajur, e com o tato procuro o quebra-luz e debaixo dele aquele negócio que liga e desliga, o botão, o interruptor que acende a luz.”

“Então você abre os olhos.”

“Abro mesmo? O garoto estranho é capaz de manter os olhos fechados.”

“Mas só às segundas, quartas e sextas”, disse ela, desfiando com dificuldade o conhecido rosário dos dias.

Alguém veio de uma sala dos fundos, uma mulher, macacão cinza, cabelo negro, rosto escuro, expressão decidida, com luvas de borracha. Posicionou-se atrás de Artis, olhando para mim.

Hora de ir embora.

Disse Artis, com voz débil: “Sou só eu, o corpo no chuveiro, uma pessoa por trás de uma cortina de plástico vendo uma gota d’água deslizando pela cortina molhada. O momento está ali pra ser esquecido. Ao que parece, essa é a questão. É um momento que nunca mais deve ser lembrado, só quando começar o processo de se desdobrar. Quem sabe é por isso que ele não parece estranho. Sou só eu. Eu não penso nisso. Simplesmente vivo dentro disso e deixo pra trás. Mas não pra sempre. Deixo para trás, mas não agora, neste lugar em particular, onde tudo que eu já disse e fiz e pensei está bem perto de mim, aqui mesmo, pra eu segurar com força e não deixar que desapareça quando eu abrir os olhos pra segunda vida”.

O nome era unidade de alimentação, e era isso mesmo, um componente, um módulo, quatro mesas pequenas e uma outra

pessoa, um homem com uma roupa que parecia um manto de monge. Eu comia e observava, olhando sub-repticiamente. Ele cortava a comida e mastigava de modo introspectivo. Quando se levantou para sair, vi um blue jeans desbotado por baixo do manto e um par de tênis por baixo do jeans. A comida era comestível, mas nem sempre identificável.

Entrei no meu quarto colocando o disco preso na minha pulseira sobre o dispositivo magnético implantado na almofada central da porta. O quarto era pequeno e impessoal. Era tão genérico que não passava de uma coisa munida de paredes. O teto era baixo, a cama era bem cama, a cadeira era uma cadeira. Não havia janelas.

Dentro de vinte e quatro horas, de acordo com a estimativa clínica, Artis estaria morta, e portanto eu estaria voltando para casa enquanto Ross permaneceria por mais algum tempo para verificar em primeira mão que a série de ações criogênicas estava sendo executada conforme o planejado.

Mas eu já começava a me sentir preso. Os visitantes não tinham permissão para sair do prédio, e mesmo não havendo lugar nenhum para ir lá fora, em meio àquelas rochas pré-cambrianas, eu sentia os efeitos daquela proibição. No quarto não havia nenhuma conexão digital, e meu smartphone ali estava em estado de morte cerebral. Fiz uns alongamentos para estimular a circulação. Fiz abdominais e agachamentos. Tentei me lembrar do sonho daquela noite.

O quarto me dava a sensação de que eu estava sendo absorvido pelo conteúdo essencial do lugar. Eu ficava sentado na cadeira, de olhos fechados. Via a mim mesmo sentado na cadeira. Via todo o complexo, de algum lugar na estratosfera, toda aquela massa sólida fundida, telhados de diferentes ângulos, muros golpeados pelo sol.

Eu via as gotas d'água que Artis tinha observado, uma por uma, escorrendo pela cortina do chuveiro.

Via Artis vagamente nua, o rosto debaixo do jato d'água, a imagem de seus olhos fechados encerrada dentro do fato de meus olhos fechados.

Eu queria me levantar da cadeira, sair do quarto, me despedir de Artis e ir embora dali. Consegui me convencer a ficar em pé e em seguida abrir a porta. Mas tudo que fiz foi perambular pelos corredores.